

POESIA E RELIGIOSIDADE EM HELENA KOLODY

POETRY AND RELIGIOSITY IN HELENA KOLODY

Ana Maria Zanini¹
Antonio Donizeti da Cruz²

RESUMO: Helena Kolody é sem dúvida um expoente na literatura paranaense. Dedicou sua vida ao magistério e a arte de escrever, resumindo nestes elementos a tônica de viver. A beleza de seus versos advém da multiplicidade de temas que consagram sua obra. A sua sensibilidade diante da vida, preocupada, fundamentalmente, com a problemática da humanidade se faz presente em inúmeros poemas que marcam uma fase de sua produção. Ciente de que o sofrimento purifica e enobrece o ser humano, a autora incorpora outros temas e, dentre estes, a fé cristã apodera-se de seu coração e estabelece a religiosidade, fazendo com que seus anseios se voltem para o plano divino, o da eternidade. O diferencial do texto poético é o sentimento que aflora, que suscita nas palavras.

PALAVRAS-CHAVE: Poema; Poesia; Religiosidade; Social.

ABSTRACT: Helena Kolody is without a doubt an exponent in the literature from Paraná. She dedicated her life to teaching and the art of writing, synthesizing in these elements the tonic of living. The beauty in her verses, come from the multiplicity of themes that consecrate her work. Her sensibility about life, worried, mainly about the humanity problematic is presented in several poems that mark a phase is her production. She is aware of the suffering purifies and ennobles the human being, the author incorporates other themes and among them the Christian faith takes possession of her heart and establishes the religiosity, making her cravings turn to the divine plan and the eternity. The difference in the poetic text is the feeling that emerges that suscitates in the words.

KEY WORDS: Poem; Poetry; Religiosity; Social.

VIDA E OBRA DE HELENA KOLODY (1912-2004)

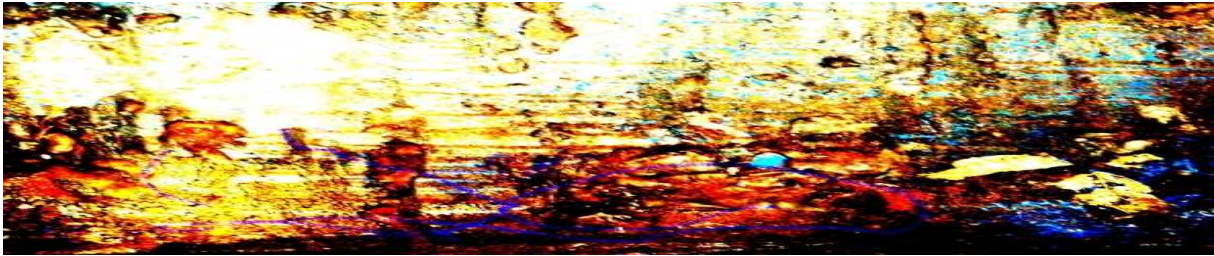
Descendente de família ucraniana, Helena Kolody nasceu em 12 de outubro de 1912, no estado do Paraná, no núcleo colonial de Cruz Machado, PR, e faleceu em 2004, em Curitiba.

Teve contato desde cedo com a arte poética. Proveniente de família de leitores, sua mãe declamava poesias de Tarás Chewtchenko – poeta ucraniano –, poemas esses que Helena Kolody acabou por decorar. E nesse ambiente familiar cresce sua admiração e amor pela poesia. A esse respeito ela assinala:

¹Professora da Rede Estadual de Educação, da Faculdade Vizinhança Vale do Iguaçu de Dois Vizinhos - VIZIVALI e do Centro Sulamericano de Ensino Superior - CESUL. Participante do Programa de Formação Continuada do Paraná - PDE e aluna regular do Mestrado em Letras da Unioeste, turma 2009/2010 na linha de pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados. (UNIOESTE)

² Orientador (UNIOESTE)

Ana Maria Zanini
Antonio Donizeti da Cruz



Desde criança, ouvi os versos desse poeta. Na adolescência, cheguei a ler seus versos no original. E comecei a traduzir alguns poemas. Os ucranianos ficaram felizes e publicaram as traduções. Então, papai me disse: estão bem traduzidos, mas a tradução exige muito cuidado, porque no original, certas palavras têm uma conotação poética diferente, uma força expressional que se perdem na tradução. Eu me acovardei e não traduzi mais.(...) as poesias de Tarás eram rimadas, eu também quis traduzir com rimas e introduzi palavras que não existiam no original e, com isso, traí o poeta.(KOLODY, 1986b:19).

No ambiente de sua infância predominava a cultura ucraniana. Sua família, distante da terra de origem, teve a preocupação de conservar os costumes, a cultura e a língua ucraniana. Foi em Três Barras que Helena Kolody viveu a maior parte de sua infância, de 1914 a 1920, e ingressou no mundo da leitura e escrita através da tia Rosa Procopiak, sua alfabetizadora.

Em 1927, a família Kolody mudou para Curitiba e se estabeleceu com um armazém de secos e molhados. Em 1928, Helena publicou o seu primeiro poema, intitulado “A lágrima”, na revista “O garoto”, editada por estudantes. A partir de 1930, por iniciativa dos escritores Ilnah Secundino e Rodrigo Júnior, seus poemas foram publicados no jornal **Diário dos Campos** (jornal de Ponta Grossa) entre outros e, também, na revista **Marinha**, editada em Paranaguá.

Os versos e o magistério foram as forças que motivaram a vida de Helena Kolody. Em 1999, foi homenageada por alunos de diversas séries da escola Municipal São Luiz, em Curitiba. Além desta, muitas foram as homenagens e prêmios recebidos pela autora.

A contínua formação da poesia de Helena Kolody faz com que fique clara sua maneira de ver o mundo. Sua obra desperta uma atenção extra à pequenos detalhes da vida cotidiana, uma mescla de subjetividade e crítica para com as atitudes humanas.

Uma mistura de arte e real cria o encanto da obra de Helena Kolody, a poetização das temáticas fazem com que desperte a compreensão de aspectos misteriosos dos sujeitos em sua relação linguagem-mundo-universo.

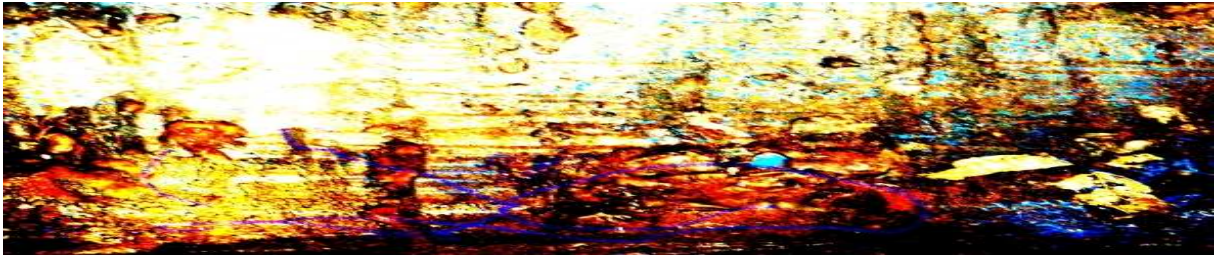
Música submersa (1945) apresenta, no conjunto da obra, a temática social de forma sintética. No poema “A injusta oferenda”, há o diálogo da poeta com o mundo e o tempo presente, marcado pela Guerra e problemas sociais. Por ter crescido em meio à opressão “entre os braços da guerra”, o “menino sem terra” não acredita nos heróis. Sugere-se, nos versos, a idéia de obliteração, fechamento, angústia, marcada pela dor face à desumanidade da II Grande Guerra.

Nesta obra, com nuances diversificadas, Kolody apresenta o tema da brevidade da vida. Em “Efêmera”, há os questionamentos do eu em relação à vida e ao tempo que passa célere.

Carlos Drummond de Andrade, ao referir-se à *Música submersa*, diz ter encontrado poemas em que “à expressão mais simples e discreta se alia uma fina intuição dos ‘imponderável’ poéticos”. A importância da afirmação se justifica por Drummond ter observado na poesia de Kolody a linguagem marcada pela singularidade e pela discrição aliadas a um fazer poético em que sobressaem as sutilezas da poesia.

Muitas foram as publicações e críticas sobre a poesia da autora, mas a própria poeta destaca a crítica construtiva de Andrade Muricy, que segundo Helena “foi por demais relevante”, porque tocou no aspecto essencial de sua obra, ou seja, o de observar que nos poemas breves ela conseguia atingir uma maior concentração verbal.

As múltiplas contribuições de autores direcionam para uma observação dos temas, dentre outros, que são trabalhados nas obras de Helena: o tempo, o sentimento de melancolia do eu-lírico, a questão da efemeridade e permanência, a dicotomia do plano terreno *versus* espiritual, o amor sublimado, a solidão, a memória com suas lembranças e esquecimentos.



Em *Vida breve*, publicado em 1964, o próprio título do livro sugere temas recorrentes em que vigoram: a efemeridade da vida, a viagem enquanto busca e refúgio, a solidão, a vida e a morte, a natureza com suas mutações e o tempo. Quanto ao aspecto formal, os poemas são construídos em versos livres, sobressaindo-se os de estrutura curta, sintéticos.

Dessa forma, o fazer poético Kolodyano baliza uma poesia de temáticas múltiplas em que há predominância de impressões subjetivas e ternas frente a um mundo agressivo e hostil. Ainda, no tocante ao desequilíbrio da natureza e instabilidade das coisas e acontecimentos, a voz do poeta é canto capaz de concretizar os desígnios de uma construção edificada no poder do verbo, na participação e no amor.

Helena Kolody, publicou em 1970, *Tempo*, obra em que o conflito homem *versus* mundo fica claro no conteúdo dos poemas. Temas já trabalhados em poemas anteriores se entrelaçam, como por exemplo: o tempo, a solidão, o atavismo, a religiosidade, a metaliteratura e a viagem enquanto busca e fuga. Nos versos do poema “Pesadelo”, se faz presente a temática social.

Em colunas cerradas de algarismos,
A fome agredia
A vida nascitura.
Dos lagares da guerra,
Escorria por sobre o mapa do mundo
O escuro sumo
Da vida esmagada.

Esquálida,
Vencida,
No pedestal das máquinas
Agonizava
A vida dispensada.(2004, p.96)

Tais pressupostos nos permitem dizer que os poemas de Kolody transformam em beleza, o que os outros olham apenas como singelo; o pitoresco e o comum é sua principal fonte inspiradora.

A RELIGIOSIDADE NA LÍRICA DE HELENA KOLODY

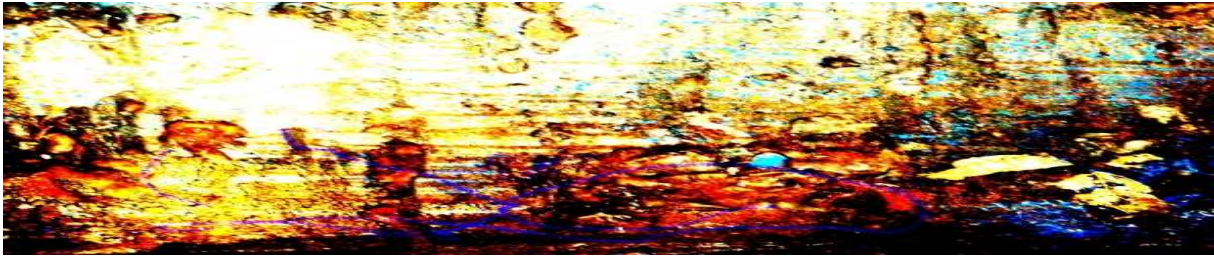
Qual será o fator existente na obra poética, e como tal fator mexe tanto com nossas emoções? Qual o motivo da sensação de transcendência quando nos vemos diante de determinados versos.

O elemento principal de qualquer arte, dentre elas a poesia, é a sensibilidade. A nossa percepção da poesia, depende, em primeira instância de nossa afetuosidade quanto ao tema ou à forma.

Assim, a literatura é, sem dúvida, uma das artes mais desenvolvidas, e a poesia um dos mais aprimorados segmentos devido ao seu ritmo e rimas que embalam a imaginação.

Com uma poesia indagadora, Helena Kolody revela sintonia com os questionamentos do ser e apresenta uma obra marcada pelo teor da modernidade.

Em “Tu”, “Senhor”, “Deus”, percebe-se a sutileza do fazer poético e a articulação da poeta ao trabalhar a linguagem e o tema da religiosidade. Nos textos de Helena Kolody, além da temática religiosa, o eu poético tematiza a literatura em si mesma, transformando o poema numa reflexão sobre o ato poético. Apresenta ainda uma linguagem indagadora e crítica da condição humana.



A palavra poética e a palavra religiosa, em conformidade com Octavio Paz, se confundem ao longo da história. Porém, a revelação religiosa não constitui o ato original, e sim a sua interpretação. A poesia é revelação da condição humana e, por essa razão, criação do homem pela imagem. A linguagem poética instaura a condição paradoxal do homem: sua “outridade”. Desse modo, o leva a concretizar aquilo que é. Para Paz, apud CRUZ,

Não são as sagradas escrituras das religiões que constroem o homem, pois se apóiam na palavra poética. O ato pelo qual o homem se funda e se revela a si mesmo é a poesia. Em suma, a experiência religiosa e a poética têm uma origem comum, suas expressões históricas – poemas, mitos, orações, exorcismo, hinos, representações teatrais, ritos, etc. – são às vezes indistinguíveis; as duas, enfim, são experiências de nossa ‘outridade’ constitutiva (PAZ, 1982, p.189).

Consoante Paz, religião e poesia, tendem a concretizar de uma vez para sempre a possibilidade de ser o que somos e que constitui a maneira de ser. Tanto a experiência religiosa como a experiência poética ocorre como “um salto mortal: um mudar de natureza que é também um regressar à nossa natureza original. Encoberto pela vida profana ou prosaica, nosso ser de repente recorda de sua identidade perdida; e então, aparece, emerge, esse ‘outro’ que somos” (PAZ, apud CRUZ, 1982, p.166).

Ainda consoante CRUZ,

Se a imaginação é a força dinâmica pela qual o homem consegue imaginar mundos e dar sentido à vida através de imagens, a poesia é o vetor de operacionalização dos instantes vívidos, das transmutações da linguagem, da valorização dos sentimentos e das coisas mais simples. É por meio da imaginação e da concretização da poesia que o ser humano consegue dar forma às coisas mais tênues, evanescentes e se autoafirmar. Sendo assim, a poesia é transcendência, contemplação, força que edifica e revigora o homem frente às vicissitudes da vida. É também “milagre” da linguagem. (tese, p. 48 e 49)

Helena Kolody explora com maestria o tema da brevidade, os questionamentos existenciais, a vida, a morte, a solidão, e principalmente qual o sentido de toda a caminhada humana. A questão da brevidade da vida e transcendência ficam evidentes no poema “Mergulho”, o sujeito lírico revela-se inquieto, dividido entre o plano terreno e o espiritual:

Almejo mergulhar
na solidão e no silêncio,
para encontrar-me
e despojar-me de mim,
até que a Eterna Presença
seja a minha plenitude. (1985, p. 44)

O poema faz menção ao silêncio, e esse pode ser ligado à solidão; logo, a solidão pode ser percebida como o elemento que dá sentido à vida. O tema da solidão e a questão da brevidade da vida ficam evidentes. O sujeito lírico mostra-se dividido entre o plano terreno e o espiritual.

Em Helena Kolody percebe-se a melancolia e a solidão. A poeta utiliza-se destes estados porque defende que nesses sentimento reside a calma dos infelizes. Quando a poetisa fala do caramujo, presente no haicai “Os tristes”, que integra o livro Reika – remete à introspecção, ao auto-conhecimento.



Em seus caramujos,
os tristes sonham silêncios.
Que ausência os habita? (2001, p.45)

O poema que mais apresenta vertente religiosa, certamente, é “Prece”, onde o sujeito lírico acaba por suplicar:

Concede-me, Senhor, a graça de ser boa,
De ser o coração singelo que perdoa,
A solícita mão que espalha, sem medidas,
Estrelas pela noite escura de outras vidas
E tira d’alma alheia o espinho que magoa (2004, p. 217)

Este poema recebeu duas versões musicais e um *imprimatur* da igreja, e é lido como se fosse uma oração.

A sinestesia que Helena Kolody insere em seus versos, seja talvez o elemento responsável pelo transporte que os seus poemas provocam no leitor. A sua poesia reflete o estado espiritual do eu lírico principalmente no início de sua carreira.

No poema “Queixa”, é possível notar a presença de um grande inconformismo quanto à solidão, angústia e a tristeza, o sujeito lírico exprime questionamentos sobre o destino humano:

Tu, Senhor, que repartes os destinos:
Por que me deste o árido quinhão
De sonho, de tristeza e solidão? (2001, p.53)

No último verso é vista a inquietação humana sobre a vida, a introspecção do sujeito lírico. A forte e constante inquietação é presença marcante no poema.

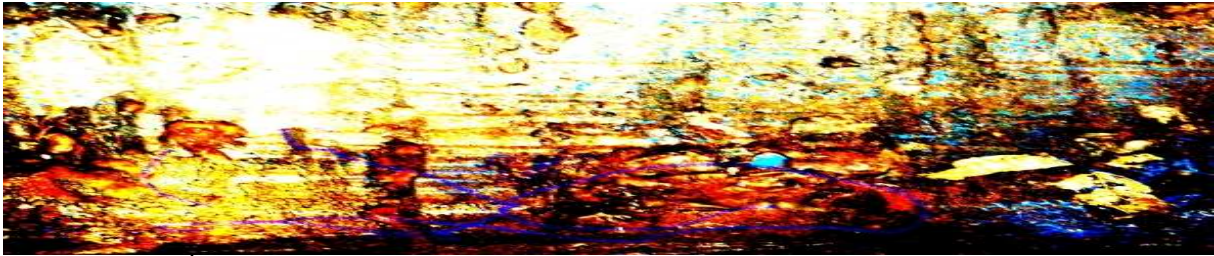
POESIA SOCIAL E RELIGIOSIDADE

Antes de começar a se discutir uma perspectiva sociológica é necessário se definir a palavra social. O termo social não tem uma definição concisa, o que está no campo sociológico é tudo aquilo que não está constituído ou denominado; aquilo que não se encaixa em nenhuma outra categoria de fatos.

Pode-se afirmar que nossos pensamentos e supostas ideologias, são todos produtos do meio no qual estamos inseridos, normalmente encabeçados em nós por meio de uma sutil imposição disfarçada de liberdade de opinião.

Por exemplo, existem tradições de determinados países ou religiões que impele os indivíduos à certas ações como o casamento, crenças e até mesmo mutilações, fazendo as ditas ações se tornarem naturais, quase instintivas; quando na verdade não o são, não passam de obrigações sociais. Chamamos isso de fato social. De acordo com Durkheim,

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos (1996, p. XVI).



É possível definir fato social como sendo um agir, vulnerável ou fixo, suscetível de coerção exterior ao indivíduo.

Os fenômenos religiosos, por serem sociais, devem necessariamente apresentar tais propriedades. A definição que Durkheim dá ao fenômeno religioso passa necessariamente por sua concepção de fato social como coisa. Sendo *sui generis* o fato social exige uma ciência própria que o apreenda na sua especificidade. Outra antinomia importante do pensamento durkheimiano, a sociologia não deve se confundir com a psicologia, se esta se debruça sobre representações individuais, aquele se volta para as representações coletivas.

Nos poemas e haicais de Helena Kolody é notável a preocupação social com a fácil alienação da sociedade. Com o encanto que as pessoas tem por aspectos materiais, e o quanto as mesmas se esquecem de valorizar os pequenos detalhes da vida cotidiana.

Kolody exprime o quanto a sociedade se preocupa em obedecer às imposições da grande maioria, e se deixa levar pelo tempo sem aproveitar os momentos, e como essa situação piora com a mudança das gerações. Em suas poesias ocorre a identificação com a dor alheia. O tempo é representado pela morte (a segunda consequência do primeiro). E como ela mesma afirma, quando se é jovem sente-se com mais intensidade as emoções:

AMPULHETA DA HORA PRESENTE

(...)

A hora terrível passa,

Esmagando o coração da humanidade.

(...) (2004, p.204)

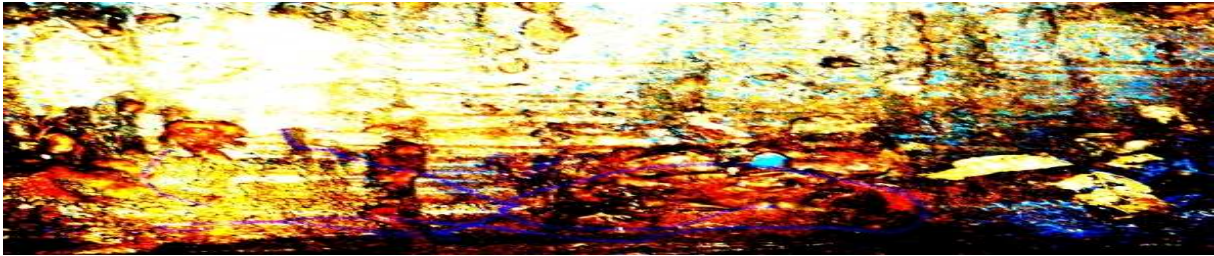
As articulações da linguagem no intuito de interligar poesia e religiosidade se concretizam na poesia de Helena Kolody. Os poemas de Helena registram as sutilezas de um fazer poético embasado na força da linguagem e na concretização de um dizer que aponta para imagens visuais, momentos de observação atenta de um eu em sintonia com o mundo circundante.

A vertente temática da religiosidade aproxima Helena Kolody de outros autores como Cecília Meireles, Murilo Mendes, Lila Ripoll, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt, entre outros, no que diz respeito à busca do transcendente.

Quanto a religiosidade, em Helena, todos os processos espirituais são lentos, subterrâneos, com a finalidade de maturação. Suas poesias religiosas são geralmente conceituais e aforísticas. As impressões sensoriais cedem diante da meditação filosófico-teocêntrica.

Roger Bastide, em *Poetas do Brasil*, fazendo menção a religiosidade na literatura brasileira assevera que “a maioria dos poetas religiosos brasileiros contemporâneos tentou reunir a poesia mágica à poesia mística” (BASTIDE, 1997, p.139). Para o autor:

A questão está em saber se isso é possível. Naturalmente compreendemos a razão e o esforço de conciliação: nos dois casos, o ponto de partida é o mesmo, a repulsa do mundo tal como é, uma vontade agressiva de destruí-lo, mas o místico o transcende ao passo que o mágico o modifica. Não se pode ser um e outro. A oração nos faz passar a esmo de um plano a outro, do plano espiritual para o sobrenatural; ela postula uma organização estratificada indo da multiplicidade espacial e temporal à Unidade, princípio e fim, por uma série de graus ascendentes. A magia, ao contrário, mistura os planos; não coloca o sobrenatural acima do natural, mas confunde os dois, a fim de fazer manifestarem-se por toda parte, no interior do determinismo científico, os atos gratuitos, as aparições maravilhosas, as metamorfoses milagrosas. (BASTIDE, 1997, p.139-140)



No dizer de Bastide, a maioria dos poemas religiosos do período colonial são traduções versificadas de textos bíblicos. A poesia quando busca sair de tais textos, para criar obras mais originais, permanece ainda marcada “pelo uso dos sentidos, recomendado pelos jesuítas”.(Bastide, apud CRUZ, 1997, P.146)

A transcendência fica explícita no poema “Ressurreição”:

Esse corpo que levas como um fardo
ressurgirá na plenitude da beleza
para a vida perfeita
e se erguerá da cinza do tempo,
como existiu no pensamento de Deus,
desde toda a eternidade. (1985, p. 58)

São versos que direcionam para o tema de religiosidade e, ao mesmo tempo, exprimem a autocontemplação espiritual de um eu que deseja alcançar a transcendência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Helena Kolody é figura importante na literatura brasileira contemporânea, seus escritos tem valor predominante, não se podendo restringir sua obra a algum espaço ou tempo.

Sua poesia contém uma ampla intersecção de infinitas relações entre os signos da vida e da arte, sendo também portadora de momentos singulares, cuja disciplina poética interioriza sentidos de vivências plenas.

A poetiza realiza uma escrita que está em constante processo de aprimoramento, que exprime sua maneira de interpretar o mundo. A poesia de Helena tem o poder de projetar palavras que despertam o leitor para uma observação mais atenta das coisas mínimas, mas indispensáveis à conjugação dos entes e seres.

Na lírica de Helena Kolody, as imagens visuais, claras, se fundem e refundem num fluxo constante da linguagem. Fato indiscutível é o domínio consciente da palavra na obra de Helena e a maneira criativa da poeta em desenvolver o tema da religiosidade.

Destaca-se também o domínio sobre as figuras de linguagem. Assim, a poeta articula a linguagem de maneira lúdica, dá unidade ao verso livre e tece imagens no branco do papel, pois sua poesia revela significados à luz do processo interativo com o leitor. Desse modo, o poema é o espaço no qual o Eu poético transcende sua linguagem em busca de respostas à problemática existencial.

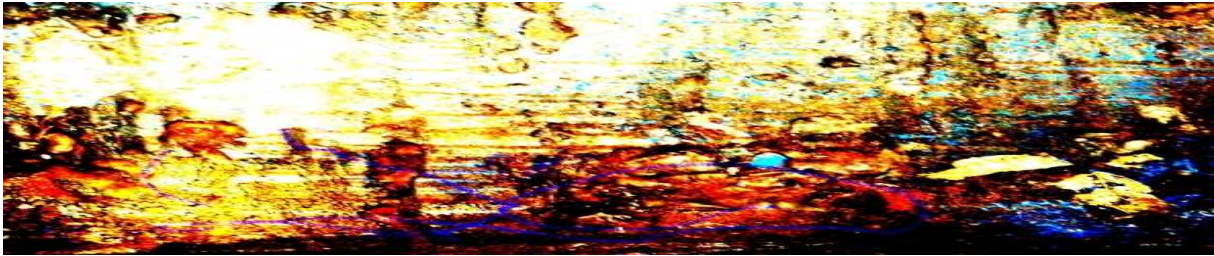
Ao entrelaçar palavra poética e religiosidade, Helena Kolody realiza o poder mágico das palavras: ser mediação, comunicação, exercício de construção de sentidos.

Através das palavras, a poeta projeta no plano verbal um universo poético capaz de nomear o mundo. Ao se apoiar nos aspectos rítmicos e imaginários da linguagem, ela concretiza a operação poética: manifestação dos sentimentos humanos e diálogo operante do eu em relação ao outro, às coisas e ao mundo circundante.

Sua trajetória poética e pessoal é animada pelo sentido de permanência, pois seus textos convertem-se em valores que são capazes de corporificar palavras e imagens que direcionam para uma dialética permanente. Subjetividade e apelo social também podem ser características da obra de Helena Kolody, já que sua lírica converge para o sentido da vida.

A poesia é potência capaz de dar sentido à vida. Ao buscar a essência da linguagem, o poeta realiza o poder mágico das palavras: ser mediação, comunicação, exercício de construção de sentidos. Através das palavras, o poeta projeta no plano verbal um universo poético capaz de nomear o

Ana Maria Zanini
Antonio Donizeti da Cruz



mundo. Ao se apoiar nos aspectos lúdicos, rítmicos e imaginários da linguagem, ele concretiza a operação poética: manifestação dos sentimentos humanos e diálogo operante do eu em relação ao outro, às coisas e ao mundo circundante.

Helena Kolody realiza uma escrita em constante processo, que exprime sua maneira de interpretar o mundo. A poesia kolodyana tem o poder de projetar palavras que despertam o leitor para uma observação atenta das coisas mínimas, mas indispensáveis à conjugação dos entes e seres. Ou seja, sua trajetória poética e pessoal é animada pelo sentido de permanência, pois seus textos convertem-se em valores que são capazes de corporificar palavras e imagens que direcionam para uma dialética permanente.

Ao mesmo tempo em que a poeta articula a linguagem de maneira lúdica, dando unidade ao verso livre, tecendo imagens no branco do papel, sua poesia projeta novos significados à luz do processo interativo com o leitor, ou seja, o poema é o espaço no qual o eu poético transcende sua linguagem em busca de respostas no tocante à problemática existencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Lourdes Kaminski, CRUZ, Antonio Donizeti da (organizadores). **Poética e sociedade: interfaces literárias**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2008, 231 p.

BASTIDE, Roger. **Poetas do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997)

CRUZ, Antonio Donizeti da. **O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody**. Porto Alegre, 2001 Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001 (2 vol.).

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.-(Coleção Tópicos).

KOLODY, Helena. **Viagem no espelho**. 5ª ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1999.

_____. **Paisagem interior**. Curitiba: 1941.

_____. **Música submersa**. Curitiba: 1945.

_____. **Vida breve**. Curitiba: 1964.

_____. **Tempo**. Curitiba: 1970.

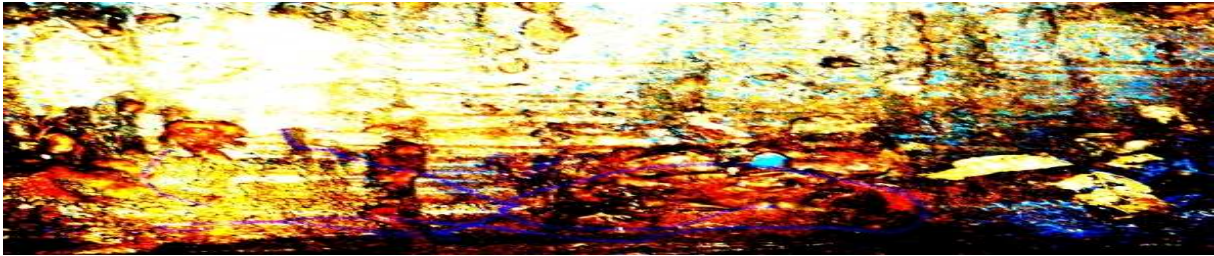
_____. **Reika**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba: Ócios do ofício, 1993.

_____. **Haikais**. Curitiba: Criar Edições, 2001.

_____. **Viagem no Espelho e vinte e um poemas inéditos**. 2ª ed. Curitiba: Criar Edições, 2004.

_____. **Sempre palavra**. Curitiba: Criar Edições, 1985.

MURICY, Andrade. **A nova literatura brasileira**. Porto Alegre. Livraria Globo, 1936.



NICOLATO, Roberto. **Alunos “pintam” os poemas de Helena Kolody.** *Gazeta do povo*, Curitiba, 29 setembro 1999.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira.** Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.